



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSÂNGELA VICTOR DA SILVA

**DISCUTINDO A LEITURA DE TEXTOS EM UM LIVRO
DIDÁTICO DO 9º ANO**

GUARABIRA-PB

2013

ROSÂNGELA VICTOR DA SILVA

**DISCUTINDO A LEITURA DE TEXTOS EM UM LIVRO DIDÁTICO
DO 9º ANO**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, para obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação-Português,

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586d Silva, Rosângela Victor da

Discutindo a leitura de textos em um livro didático do 9º
ano / Rosângela Victor da Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

16 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Profª. Ma. Wanilda Lima Vidal de Lacerda.

1. Leitura 2. Gêneros Textuais 3. Língua Portuguesa I.
Título.

22.ed. CDD 410

ROSÂNGELA VICTOR DA SILVA

**DISCUTINDO A LEITURA DE TEXTOS EM UM LIVRO DIDÁTICO
DO 9º ANO**

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof.ª Dr.ª Wanilda Lima Vidal de Lacerda C.P.F 025.071.614-34

Orientadora

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof.ª Dr.ª Marilene Carlos do Vale Melo

Examinadora

070852904-63

José Haroldo Nazari Queiroga

Prof.º Ms. José Haroldo Nazari Queiroga

Examinador

CPF 086986684-04

Aprovada em 26 / 8 / 2013

GUARABIRA-PB

2013

DISCUTINDO A LEITURA DE TEXTOS EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO

ROSÂNGELA VICTOR DA SILVA

RESUMO

Este trabalho aborda a relação leitura e livro didático considerando este como um instrumento que auxilia o professor no processo didático. Para isso, fazemos inicialmente uma breve exposição sobre a história do livro didático no Brasil, critérios para a sua seleção, adoção e uso em sala de aula; reflexão sobre a leitura, como surgiu e a importância dela nos dias atuais, na vida social e no desenvolvimento intelectual dos alunos. Para corroborar as discussões, nesse trabalho abordamos o tratamento dado à leitura no livro didático do 9º ano, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, a partir da proposta de trabalho com a leitura apresentada pelos autores e o real desenvolvimento delas no livro em apreço. Nos limites de um artigo, selecionamos três textos em que analisaremos as questões relativas à leitura.

Palavras – chave: Leitura, Livro didático de português, Gêneros textuais.

1. INTRODUÇÃO

Ocorrem diversos modos de pensar como o ensino deve acontecer. Por isso é que livros diferentes podem propor diferentes formas de trabalhar os mesmos conteúdos. No caso de livros para o estudo da Língua Portuguesa, temos muitos exemplos de livros que dão maior importância aos textos para o estudo da literatura e outros aos exercícios gramaticais e grande parte combina esses elementos ao mesmo tempo.

Para Luiz Percival (2012), que já foi presidente da Associação de Leitura do Brasil, a importância do livro didático, em primeira instância, está no fato de que em dada realidade social e econômica brasileira ele é talvez o único elemento, o único instrumento de acesso à cultura para grande maioria dos estudantes e, às vezes, para a grande maioria dos professores, também.

Por outro lado, os livros didáticos que são basicamente conhecimentos enciclopédicos organizados, não são superiores em nenhum aspecto a outros tipos de materiais enciclopédicos. Alguns materiais têm essa característica enciclopédica instrucional e que de alguma maneira didatizam o conhecimento, mas não se apresentam na forma específica de livro didático.

Um exemplo básico são as revistas de divulgação científica como: a revista Super Interessante, seguramente a mais conhecida de todas; a Geografia Universal, o Horizonte

Geográfico, Planeta Terra, a Ciência Hoje, que é uma revista publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e as que ocorrem, às vezes, como pequenas fichas publicadas em jornais como a Geo Dados, produzidas por uma associação Norte-Americana, mas publicadas no Brasil de forma didática, sobre assuntos de interesse geral.

Esse tipo de material, que não é propriamente material didático, no sentido estrito do termo, funcionaria como material didático de melhor qualidade se fosse incorporado à sala de aula ou ao acervo da biblioteca da escola ou ao uso cotidiano do aluno, mas sabemos que, na realidade, isso não acontece.

Podemos então chamar de didático todos os livros que motivem a relação do aluno com o conteúdo escolar. Livros didáticos também são aqueles que apoiam a autonomia do aluno como os dicionários, as enciclopédias e as coleções infantis ilustradas que oferecem um amplo quadro de informações a serem relacionadas pelas crianças. A literatura pode ser um bom exemplo.

Entre os didáticos podemos incluir os livros que trazem indicações de situações de aprendizagem a partir de um conteúdo estudado e também as publicações que indicam outros livros e outros tipos de fontes sobre o mesmo tema.

No caso específico deste artigo, analisar a maneira como é tratada a leitura de textos, do livro “Todos os Textos”, do 9º ano, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, em especial, de três textos que selecionamos é o objeto de estudo, bem como verificar a coerência ou não desses autores com relação à proposta de trabalho por eles apresentada. Para tanto, além desta introdução em que tecemos, entre outras considerações gerais, a importância do livro didático e de outros materiais que ajudam no ensino-aprendizagem, este trabalho contempla os seguintes itens: um primeiro em que tratamos dos caminhos do livro didático no Brasil para o ensino da Língua Portuguesa e as dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino e o desenvolvimento do gosto pela leitura; um segundo em que analisamos não só a estrutura do referido livro, mas também os três capítulos dele destacados para análise do tratamento dado ao texto para o objetivo de leitura e, um terceiro, em que fazemos as considerações finais.

A escolha desse *corpus* para objeto de estudo foi feita na ocasião do Estágio Supervisionado, ao ver que a professora regente do estágio trabalhava com esse livro, o que acabou por despertar o meu interesse pelo aspecto didático do mesmo, que trabalha sob a perspectiva de gêneros com critérios diferentes e específicos, em que cada gênero tem uma finalidade comunicativa, ou seja, aborda as diferentes formas de linguagem, como as

informais, as formais e as de circulação social, diferenciando-se de alguns livros em que os textos se prestam, principalmente, para os estudos gramaticais.

O referencial teórico norteador para análise foi os PCNs da Língua Portuguesa (1997), KLEIMAN (2007), DIONISIO & BEZERRA (2005) e ZILBERMAN & SILVA (2005).

2. O CAMINHO PERCORRIDO PELO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

Foram os Jesuítas que fundaram em 1549, ano de sua vinda ao Brasil, a escola de leitura, escrita e religião no estado da Bahia. Nessa época, o ensino da leitura era associado à religião e entre os Jesuítas destacou-se a figura do poeta e dramaturgo José de Anchieta que além da missão pedagógica e de catequese, deixou obras de relevância para a literatura brasileira.

A história dos livros didáticos no Brasil começou com pequenos livros vindos de Portugal no séc. XV. Esses livros continham o abecedário, os silabários e rudimentos de catecismo e eram chamados de cartinhas e mais tarde ficaram conhecidos como cartilhas. Uma remessa desses livros escolares era enviada às colônias para o ensino da leitura e da escrita. A *Cartinha de Aprender a Ler* é uma das mais antigas a ensinar o idioma português. Foi impressa em 1539 e João de Barros foi o autor.

Na segunda metade do séc. XIX, o poeta António Feliciano de Castilho e João de Deus Ramos, escreveram cartilhas que foram usadas no Brasil. O primeiro escreveu a cartilha que recebeu o extenso nome: *O Método Castilho para o Ensino Rápido e Aprazível do Ler Impresso, Manuscrito e Numeração do Escrever*; que depois ele substituiu O Método Castilho por O Método Português. A primeira edição foi provavelmente de 1850, mas o Brasil só tomou conhecimento em 1855, data de sua vinda ao Brasil, para inclusive, divulgá-la, contando com interesse de D. Pedro II pela cultura. Na realidade, não obteve o sucesso tão desejado. A outra cartilha, a de João de Deus Ramos a tinha por nome: *Cartilha Maternal* e a 1ª edição é de 1876. Foi introduzida na Escola Nacional de São Paulo, em 1883.

Até o final do séc. XIX ocorreram várias reclamações sobre a falta de livros e de outros materiais didáticos nas províncias. As cartilhas que vinham de Portugal eram insuficientes para demanda. Com essas limitações de material, os professores utilizavam cartas, ofícios e documentos de cartórios, além de manuscritos produzidos por eles próprios.

No séc. XX a indústria editorial brasileira sofreu grande expansão. A partir dos anos 50 cresceu muito a produção voltada para o público jovem e com isso passou a surgir uma literatura voltada diretamente para a sala de aula os “livros didáticos”, publicações dirigidas a alunos e professores. Nas últimas décadas a prática didática foi profundamente marcada pelo uso de livros didáticos; muitos, de qualidade duvidosa.

Os conteúdos são organizados para serem ensinados na escola e indicam a forma como o professor deve planejar as aulas e como aplicar esses conteúdos em sala de aula. Tudo é feito seguindo uma determinação da concepção de aprendizagem.

Para garantir uma qualidade e compromisso com os livros didáticos a FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) criou em 1993, uma comissão para definir critérios de avaliação de LD (livros didáticos). E a partir de 1996, o MEC passou a subordinar a compra dos LD inscritos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a uma aprovação prévia efetuada por uma avaliação oficial sistemática (daqui por diante, Avaliação). Desde então, muito embora não apenas por este motivo, o livro didático de português (LDP) vem despertando uma atenção renovada de educadores e pesquisadores, suscitando debates e polêmicas de que este livro é mais uma testemunha. (ÂNGELA & BEZERRA, 2005, p. 13)

Observando os livros didáticos de português, a partir da avaliação do PNLD, esta estabeleceu perspectivas teóricas e metodológicas bastante definidas, perspectivas estas possíveis através das movimentações no campo da reflexão sobre o ensino de língua materna, considerando isso como uma mudança ou padrão a ser seguido como modelo.

Quando passou a existir o Programa Nacional do Livro Didático, à medida que os anos se passavam, algumas mudanças aconteciam, mas foi a partir de 1995 que os livros receberam uma atenção especial com o acompanhamento de um grupo de especialistas contratados por universidades, que elaboram uma lista de livros que eram oferecidos pelas editoras e poderiam ser adotados pelas escolas, após serem aprovados pelo processo de avaliação do MEC. São os professores das escolas públicas que escolhem a coleção que desejam adotar. Alguns professores escolhem os livros de acordo com a proposta pedagógica da escola.

Inicialmente, os livros eram oferecidos apenas ao ensino fundamental, atualmente temos livros para o ensino médio e para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Todos os livros repassados aos alunos são gratuitos, sem nenhuma formalidade para recebê-lo, basta apenas que o aluno esteja matriculado, que terá direito a receber o material didático.

O Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação – FNDE distribui o material através de convênio com os Correios. Os livros são entregues em todas as escolas públicas das

redes municipais, estaduais e federais do país. A escola fica responsável pela a entrega desse material aos alunos.

O material didático é válido por três anos, depois desse período é feita uma reavaliação do material. Os livros são de uso individual, e tem que ser devolvido a cada fim de ano à escola para que seja usado por outro aluno. O livro é um patrimônio da escola a que todos têm direito.

O sistema de elaboração do livro da língua portuguesa obedece a vários critérios, tais como:

- a) Respeito à Constituição Federal.
- b) Respeito à legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente.
- c) Correção conceitual (que os livros apresentem conceitos, informações e procedimentos de uma forma estreitamente articulada ao processo de desenvolvimento das capacidades exigidas na leitura compreensiva, na produção de textos e no exercício da oralidade).
- d) Coerência teórica e metodológica (explicitar clara e corretamente as concepções de língua/linguagem e de ensino-aprendizagem com que trabalha, assim como os princípios teórico-metodológicos assumidos e os objetivos de sua proposta didático-pedagógica)
- e) Manual do professor (que orienta alternativas para deixar a aula interessante).
- f) Projeto gráfico e editorial (que devem estar adequados para a série do livro).

Convém aqui lembrarmos que, ao ingressar na escola, a criança já começa a ter contato com as letras, logo nos primeiros anos de estudo. Colocar a criança em contato com a leitura é primordial, mas muitas vezes, o único material de que o professor dispõe para leitura é o livro didático, o que só faz crescer a importância deste material em sala de aula. Através do texto, espera-se que o aluno logo cedo vá aprender a falar melhor, ou seja, falar corretamente as palavras e se comunicar bem. Isto sem contar com a expectativa de a leitura ajudá-lo a desenvolver a criatividade e a imaginação tornando-o muito mais preparado para a vida escolar e social.

No entanto, ao entrar em contato com esse mundo da leitura, muitos alunos demonstram um total desinteresse, pois não são todos que sentem prazer com a leitura. Em sala de aula, quando o professor pede a participação dos alunos para ler um texto, são muitos os que se recusam afirmando que não vão ler por não gostarem de tal ação. Acerca disto KLEIMAN (2007, p.16) diz:

Devemos lembrar que, para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas histórias que a nossa mãe lia antes de dormir.

Para muitos professores de Língua Portuguesa, essa é uma barreira que deve ser enfrentada, a resistência declarada do aluno que diz não gostar de ler. Modificar esse quadro, não é uma tarefa fácil para o professor. Ao analisar os fatores que impedem a concretização dessa tarefa, o livro didático escolhido pode servir de incentivo à prática de leitura, já que esse é o material que eles têm de mais fácil acesso. A maneira de como trabalhar os textos em sala de aula, vai requerer do discente um contato mais efetivo com a leitura, pode ser o ponto de partida para torná-lo leitor efetivo tanto em classe como fora dela.

São diversos os motivos que impedem os discentes ter gosto pela leitura. KLEIMAN menciona algumas situações:

[...] Já ouvimos um aluno de terceiro colegial dizer: “Eu não quero trabalhar textos, eu quero aprender português”, expressando o mesmo preconceito de um adulto analfabeto em curso supletivo de alfabetização que nos disse: “Eu Não quero trabalhar textos, eu quero aprender a ler”. Essas convicções estão baseadas numa concepção de saber linguístico desvinculada do uso da linguagem: No primeiro caso, o aluno está reivindicando a regra gramatical tradicional, que não faz sentido, que deve ser memorizada só para a prova, mas que será a que determinará sua inclusão ou exclusão no banco, na repartição pública, na faculdade; No segundo caso, o aluno reivindica a decifração e cópia de letras e sílabas, como um fim em si, sem perceber que essas atividades são apenas prelúdio para a atividade de leitura, porque nunca ninguém desvendou para ele o verdadeiro significado da atividade. (KLEIMAN, 2007, p. 16-17)

Em muitas escolas, essas questões predominam nas salas de aulas, e os professores acabam deixando de lado uma prática alternativa. Sentem a necessidade de mudança, mas se prendem a métodos tradicionais, por serem mais fáceis e não buscam avançar, ou seja, se capacitar para melhorar a qualidade do seu ensino. Podemos ver que muitas escolas, possuem recursos tecnológicos, como sala de vídeo, laboratório de informática, mas não usam.

O computador é um recurso da atualidade, que ainda requer estudos de como ele pode contribuir para o ensino, porém já temos muitas opções de como explorar este recurso, como por exemplo: a criação de um blog da turma, onde os alunos são convidados a comentar semanalmente ou mensalmente, ou quando o professor achar necessário sobre algum assunto abordado em sala da aula de forma a revisar o assunto que já foi estudado. Outra ideia é a de pesquisas sobre obras literárias, sobre os autores, entre outras pesquisas.

O vídeo é outro recurso que contribui no enriquecimento e interatividade dos alunos. Ao passar um filme, por exemplo, o professor pode depois levar os alunos a refletirem e discutirem o tema do filme, ou até mesmo pedir um resumo e sua opinião sobre o que lhes foi

apresentado, pois no estudo de língua, quatro habilidades devem ser trabalhadas: a compreensão, a expressão escrita, a comunicação e a expressão oral.

Mas fazer uso desses recursos, requer do professor conhecimento nessa área e capacitação e, principalmente, vontade de mudar e planejamento para obter sucesso com esses aliados e conseguir através do mesmo transmitir conhecimentos, para não fazer deles apenas mais um instrumento e não utilizar apenas o livro didático como único recurso.

3. O LIVRO DIDÁTICO E OS TEXTOS SELECIONADOS: ANÁLISE

Logo de início, nos chama a atenção o aspecto físico do livro, sua diagramação, os títulos e subtítulos a paragrafação; o colorido e as ilustrações que proporcionam as inferências e o diálogo do leitor com o texto apresentado motivando a uma leitura integral do mesmo.

Do ponto de vista do conteúdo de leitura e produção textual, que o que queremos destacar, o livro “Todos os Textos”, 9º ano, apresenta um trabalho sistematizado com gêneros orais, em que a comunicação acontece por meio deles; explora situações de produção de gênero que aborda temas reais como em texto de divulgação científica, que tem função comunicativa e informativa do que está acontecendo fora da escola, na comunidade, sociedade e no mundo, caso do texto o “Efeito Estufa”, que trata do efeito dos gases poluentes, responsáveis pelo aumento da temperatura média do planeta, que se não forem impedidos causarão graves problemas ambientais. Esse tipo de texto torna os leitores informados e críticos para o que está acontecendo no mundo. Assim como poderia ser de uma notícia do que estaria acontecendo em sua comunidade local. Os textos de divulgação científica também abordam comportamento, doenças, discurso jornalístico e outros assuntos da atualidade.

Esse livro contém 160 páginas e divide-se em quatro unidades, uma para cada bimestre. Cada uma delas distribui-se em seções com o título “Fique ligado! Pesquise” (uma série de sugestões para os alunos pesquisarem em livros, filmes, músicas e algumas páginas da internet), com a finalidade de ampliar o conhecimento dos alunos. Em outra seção com o título “Fique ligado! Escreva!” a proposta é fazer com que o aluno produza textos com o tema que foi trabalhado em sala de aula. Em outra seção com o título “De olho no gênero” propicia uma conversa em sala de aula de forma mais descontraída, trazendo à baila o gênero a ser trabalhado na unidade, após a apresentação do professor sobre o tema. E, para fechar a

unidade do livro, há outra seção com o título “Oficina de Criação!” que tem por finalidade a realização de um projeto, composto por um conjunto de atividades que diversificam as formas de abordagem dos gêneros trabalhados na unidade. As sugestões para o projeto são: montagem de um livro, jornal, revista, seminários, debates públicos, entre outros. Tudo isso feito com exposições na escola.

Nas unidades ainda temos outras seções que se intitulam: “O Gênero em Foco” em que se trabalha o conteúdo do ponto de vista teórico, através de um texto representativo de determinado gênero. Ainda são observados os aspectos da situação de produção e de recepção do gênero: quem é o locutor, quem é o receptor, qual a finalidade do texto e sua esfera de circulação. Na seção “Agora é Sua Vez!” é a ocasião de o aluno desenvolver os aspectos teóricos, procurando unir o teórico ao prático, e receber orientações sobre como planejar seu texto, avaliá-lo e reescrevê-lo, se necessário.

No referido livro os autores apresentam uma proposta inovadora de produção textual a partir de gêneros e projetos para o 9º ano. É um livro com uma proposta diferente dos demais, pois seu enfoque principal está no trabalho de produção textual. Aborda a leitura, a produção de texto a partir da língua como instrumento principal de comunicação, de ação e interação social.

Cada unidade está dividida em três capítulos. Assim, o trabalho com o Conto (primeira unidade) está dividido em: Conto I, Conto II e Conto Fantástico. A segunda unidade recebe o nome de “Ciência e Cidadania”, dividido em: O texto de divulgação Científica, O resumo e o relatório e no último capítulo, o Seminário. A terceira unidade tem o título “Cidadania é para todos!”, dividido também em três capítulos: o primeiro aborda o Anúncio Publicitário, o segundo, a Reportagem e o terceiro, o Editorial. Encerrando com a quarta unidade, temos mais três capítulos: o primeiro, nomeado “O texto dissertativo-argumentativo”, o segundo, “O parágrafo nos textos argumentativos” e o terceiro, “O debate deliberativo”.

Como podemos constatar, os capítulos desse livro têm como objetivo levar os alunos a trabalhar com os gêneros textuais de circulação social. Deste modo, os autores também trazem como proposta de trabalho uma grande diversidade de gêneros textuais tais como: a carta, o e-mail, a notícia, a fábula, o conto maravilhoso, a crônica, o editorial, o texto de opinião, o seminário, o debate, a receita escrita, a receita falada, o texto de iniciação científica etc.

No trabalho com o gênero conto, além de apresentar um conceito do conto, subdividiu-o em moderno, tradicional e fantástico e detalhou os elementos estruturais da narrativa (conto), recorrendo sempre a textos para exemplificá-los.

As sugestões para o projeto procuram trabalhar novas produções de textos, como: montagem de um livro, um jornal ou revista, criação de um varal de poesia, representação teatral com peça criada pelos próprios alunos, inclusive o texto, e também apresentação de seminários e debates públicos, etc. Trata-se de projetos que podem ser trabalhados em grupo e buscam desenvolver a aprendizagem de uma produção de contos maravilhosos para publicar um livro de contos; aprender e produzir poemas para montar um varal de poesia; aprender a expor oralmente para realizar um seminário em grupo; aprender a argumentar para participar de um debate público; aprender e produzir notícias para compor um jornal escrito e, com isso, procurar diversificar o número de interlocutores reais e a criação de textos em situações concretas.

Desse modo, essa obra vai ao encontro do que defende os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) acerca dos trabalhos em grupos,

”a interação grupal é, em toda escolaridade, um importante recurso pedagógico: trabalhar verdadeiramente em colaboração possibilita maior produtividade na aprendizagem. As análises pelo professor de como os alunos procederam em relação à tarefa, de como se relacionaram durante sua realização, e dos resultados obtidos em relação aos objetivos propostos permite identificar melhores possibilidades de intercâmbio para atividades futuras”. (p.123 – 2º ciclo).

A leitura pode se tornar numa experiência prazerosa para os discentes e não ser uma atividade limitada a objetivos de mera decodificação da escrita em sequências orais, pois “Todos os Textos” dá ênfase à leitura, cada texto trabalhando um gênero facilita a compreensão do conteúdo e amplia a capacidade dos alunos em relação à produção textual.

Os três textos selecionados sobre os quais tecermos alguns comentários, em seguida, encontram-se em anexo.

3.1 O Peru de Natal

Trata-se de um conto de Mário de Andrade. In: CEREJA & MAGALHÃES, 2007, p.12-18. Retrata a vida de uma família simples com costumes rotineiros principalmente na época do Natal, quando sempre acontecia a ceia conforme o jeito do pai de Juca, o narrador-personagem.

É chegado mais um Natal, só que agora sem a presença do pai de Juca que morreu há cinco meses. Este tratou logo de falar o que queria no Natal, deixando claro que na ceia queria comer peru, o que não era costume daquela família que na ceia comemorava com castanhas, figos, passas, amêndoas e nozes.

Essa ideia causou espanto na família, mas todos acabaram concordando com a “loucura de Juca”. Comprou-se e fez-se o peru e esse Natal foi considerado o mais maravilhoso, representado pela felicidade, alegria e o grande amor familiar. Juca com o seu jeito conseguiu trazer o verdadeiro espírito da felicidade para a sua família.

Os autores do livro, na primeira questão que envolve o conto, fazem uma síntese do que é como se caracteriza o conto. Exploram bastante o conto, formulando, entre outras, as seguintes perguntas:

Quais os personagens envolvidas na história?
 Onde acontecem os fatos narrados?
 Há no conto, expressões que indicam o tempo em que se desenrolam as ações. Que expressões são essas?
 Quem vence a “luta”, o pai ou o peru?

Conforme vão surgindo às questões, o autor utiliza-se dos boxes para exemplificar e facilitar a interpretação do aluno como, por exemplo, nessa questão:

Nos gêneros narrativos, a sequência de fatos que mantêm entre si uma relação de causa e efeito constitui o enredo. Um dos mais importantes elementos que compõem o enredo é o conflito. Leia o boxe lateral e, a seguir, identifique o conflito do conto “O peru de Natal”.

No mesmo boxe vem um pequeno texto para exemplificar como ocorre o conflito no enredo. E em outro boxe ele explica a estrutura do enredo com as seguintes partes: Introdução ou apresentação, complicação ou desenvolvimento, clímax e o desfecho ou conclusão para ajudar a responder outra questão.

O texto, assim explorado pelos autores, possibilita aos alunos o conhecimento do que vem a ser um conto e toda a estrutura que o envolve, além de levar o leitor a expandir sua imaginação para um mundo nunca antes explorado, como é o universo dos gêneros textuais.

É preciso também levar em consideração a colaboração da leitura, no que se refere à ampliação do léxico. As ideias que o autor do conto transmite são exploradas didaticamente, no sentido de ajudar o leitor a desenvolver sua competência interpretativa, tendo presente que a leitura do mesmo não se esgota a princípio, ou seja, o leitor deve ler as entrelinhas. O leitor precisa considerar que o texto não está tão aberto quanto ele imagina. O texto pede para ser explorado, e não apenas aquilo que os nossos olhos conseguem alcançar, é muito mais, e por essa razão necessita de investigação.

Avaliando esse texto, concluímos que o mesmo deixa seu contributo no sentido de agregar valores e sentimentos familiares tão ausentes nos lares/casas nas famílias de nossa sociedade atual. E se a escola trabalhar buscando, não apenas a transmissão de conhecimentos, de conteúdos, mas também despertar valores nos alunos, irá determinar o

tipo de cidadãos que teremos e dará um passo significativo no sentido de transformação da sociedade em que vivemos.

3.2 Texto: Efeito Estufa

Retirado de jornal, folha online, IN: CEREJA & MAGALHÃES, 2007, p.48-49. Trata-se de um texto de divulgação científica, constitui o discurso relacionado a conhecimentos de ordem científica, adquiridos mediante a constatação de novos fatos e evidências, face ao dinamismo pelo qual perpassa a própria ciência da atualidade.

O texto adota a linguagem técnico-científica, mas de forma simples, por meio da qual se buscou explicar o processo de fazer ciência com clareza, e, sempre que possível, apresentar glossários e imagens que ilustrem a pesquisa.

O tipo de perguntas feito pelo autor objetiva explicitar melhor o gênero trabalhado. Vejamos como exemplo essa questão: (CEREJA & MAGALHÃES, 2007, p.49):

2. Textos como o que você leu são chamados de textos de divulgação científica. Indique, entre os itens que se seguem, aquele que traduz melhor a finalidade desse gênero textual.
- a) Ensinar como se faz um relatório científico.
 - b) Convencer o interlocutor do ponto de vista defendido pelo autor.
 - c) Relatar experiências pessoais.
 - d) Expor um conteúdo de natureza científica.

Esta questão teve como resposta a letra “D” que traduz justamente a finalidade do gênero textual.

As perguntas que envolvem o texto procuram abranger ainda mais o conhecimento acerca do texto de divulgação científica, com ajuda boxes para ilustrar melhor o conteúdo. Nos boxes, há pequenos recortes de notícias que dizem respeito às emissões de gases. O primeiro box trata do protocolo de Kyoto, que é um acordo internacional para reduzir as emissões de gases estufa nos países industrializados. O segundo box é uma notícia do Francês Jean Baptiste Fourier, que diz que o problema dos gases na atmosfera já é muito antigo, mas foi na década de 1970 que os países começaram a se preocupar com as suas consequências do aquecimento global. O último box trata um pouco do Greenpeace, uma ONG (Organização Não Governamental), que atua para defender o ambiente e promover a paz. Com uma simulação em túnel, que percorreu várias cidades do Brasil, apresenta uma noção das causas e consequências do aquecimento Global.

Esses boxes, além de ajudar a entender melhor o assunto em estudo, servindo-se de outros textos de divulgação científica, complementam a aprendizagem.

Todos os gêneros/tipos de textos apresentados em sala de aula têm uma finalidade. Esse texto de divulgação científica visa despertar a consciência da necessidade de relacioná-lo ao contexto histórico-social em que vivemos para que os alunos saibam lidar com esse tipo de informação como fazem com os textos de outros gêneros.

O texto sobre “Efeito Estufa”, gera subsídios para que os cidadãos assumam posições diante do que está acontecendo com o ambiente em que vivemos e de alcançarmos uma maior compreensão desse mundo.

3.3 Texto: A Amazônia não está à venda

Esse texto é um artigo de opinião publicado no jornal Folha de S. Paulo, 17/10/2006, encontra-se reproduzido IN: CEREJA & MAGALHÃES, 2007, p.62-63. Trata-se de uma resposta do governo brasileiro aos rumores de que a Inglaterra apresentaria ao mundo uma proposta de privatização da Amazônia. O texto foi assinado por três ministros. Celso Amorim, então ministro das Relações Exteriores; Sérgio Machado Resende, então ministro da Ciência e da Tecnologia; e Marina Silva, então ministra do Meio Ambiente.

No texto, os autores mostram um resumo feito a partir do texto original e pedem que se observem quais foram as informações utilizadas para a construção do resumo.

Com relação às questões envolvidas com o texto os autores trabalham do seguinte modo: algumas informações foram eliminadas e perguntam por que isso aconteceu? Cabe ao professor explicar aos alunos que diante de um resumo algumas questões são relevantes, cabíveis; que num resumo sejam inibidas informações do tipo secundárias, e informações repetidas no texto. E outro ponto usado nos resumos são os chamados conectivos ou elementos de coesão.

Em outra questão pedem que se compare a linguagem que foi utilizada entre o texto resumido e o texto original. E o livro orienta ao professor que o resumo geralmente acompanha a variedade linguística empregada no texto de base.

Na última questão, os autores propõem um trabalho em grupo para responder sobre as principais características do resumo escolar e indica quais os critérios a serem utilizados.

No nosso ponto de vista, as tarefas propostas no livro sem o incentivo do professor, não motiva os alunos, tem pouco rendimento no que se refere à produção textual e aos exercícios referentes aos gêneros. Através da leitura um aluno pode conseguir um estudo eficiente, mas essa leitura tem que ser feita com qualidade, do contrário o aluno pode fracassar na produção e no estudo de um texto, pois sua leitura não o levou a alcançar o saber.

[...] Um projeto que objetive suprimir as deficiências do sistema educacional brasileiro tende a colocar em primeiro plano a sólida formação do leitor, esperando, no mínimo, torná-lo apto a compreender o(s) sentido(s) do(s) texto(s), no máximo que esse leitor se mostre crítico e/ou criativo perante os materiais lidos e o mundo a que esses se referem... Uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade dificilmente se funda na descrição da estrutura do(s) texto(s). Mais do que isso, uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político. (ZILBERMAN & SILVA, 2005, p. 115)

Compreendemos que esse papel de tornar os alunos em leitores proficientes, não depende exclusivamente do professor de língua Portuguesa, mas também da colaboração da escola e dos outros professores das outras disciplinas, vendo isso como forma de ampliar o espaço do texto na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi apresentado, constatamos que o livro didático é uma ferramenta a serviço do professor, mas não pode/deve ser considerado uma Bíblia com uma sabedoria indiscutível. Os professores devem escolher qual o livro vai usar, em função dos seus próprios objetivos e do plano de curso que tenham elaborado. Eles devem se adequar à proposta metodológica, aos objetivos e às estratégias que visam ao desenvolvimento do aprendizado.

A existência do livro didático não é condição indispensável para o trabalho do professor, mesmo um bom livro didático nunca deve ser visto como um material exclusivo para as atividades escolares, pois o eixo do ensino em sala de aula sempre será o professor.

Seria ótimo se ele pudesse sempre contar com um material de qualidade como instrumento de apoio ao seu trabalho, contudo, o professor poderá criar seu material de trabalho com o recurso de jornais, revistas, livros diversos, livros paradidáticos, documentos, manuscritos e panfletos; tudo isso pode ser usado em sala de aula dependendo da criatividade e da competência do professor.

Mesmo em um livro tão bem estruturado como o de CEREJA & MAGALHÃES, o sucesso da aprendizagem de leitura e de produção textual vai depender do planejamento, das estratégias didáticas do professor para motivar os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura e pela escrita e de sua flexibilidade para mudar os rumos do que foi planejado, quando se fizer necessário.

O estudo dos diversos gêneros nas práticas didáticas apresentados estabelece o contato dos alunos com os textos que são produzidos fora do universo escolar e ampliam o conhecimento de diferentes áreas e, neste caso, o livro didático é o instrumento adequado de organização de aprendizagem, por ter direcionamento de conteúdo para o nível escolar do discente, facilitando não só a aprendizagem, mas o trabalho docente com a orientação definida para com o trabalho dos gêneros, a interpretação do texto e o desenvolvimento da leitura crítica dos alunos, já que essa parte do trabalho sistematizado da oralidade independe do livro didático, ficando exclusivamente do direcionamento e estímulo do professor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília, 1997.

BRASIL. SEB/MEC. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Letramento e Alfabetização/Língua Portuguesa.** – Brasília, 2009.

CEREJA, William R. & MAGALHÃES, Thereza C. **Todos os textos, 9º ano.** 3ªed. – São Paulo: Atual, 2007.

DIONISIO, Ângela P. & BEZERRA, Maria A. **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** 3ªed. – Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática.** 11ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel T. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares.** 5ªed. – São Paulo, SP: Ática, 2005.

ON LINE

PERCIVAL, Luiz. **Livros didáticos ontem e hoje.** Episódio da série Livros ETC., da TV Escola. <<http://www.youtube.com/watch?v=Il9kBKFN02A>> Acesso: 11/11/2012

Programa nacional do livro didático - PNLD) www.mec.gov.br Acesso: 06/11/2012

ANEXOS

I- CONTO

II- O TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

III- O RESUMO

I CONTO

CAPÍTULO

1

O conto (I)



Leia este conto, de Mário de Andrade:

O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai, acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.



Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira a mamãe a ideia de ela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora, aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, duma criada de parentes: eu consegui, no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco".

“É doido, coitado!” falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar por nada.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa do quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando disso que arrebrei com uma das minhas “loucuras”:

— Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

— Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

— Meu filho, não fale assim...

— Pois falo, pronto!

E descarreguei minha gelada indiferença pela nossa parentagem infinita, diz-que vinda de bandeirantes, que bem me importa! Era mesmo o momento pra desenvolver minha teoria de doido, coitado, não perdi a ocasião.

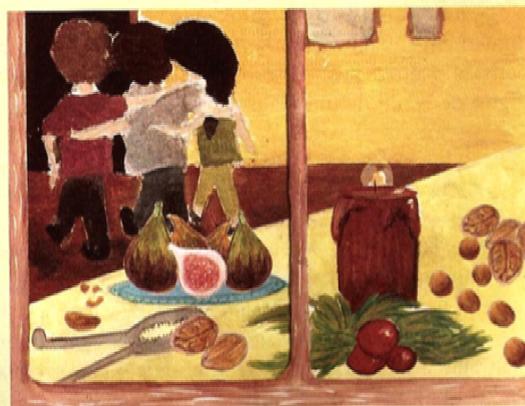
Me deu de supetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que me divinizaram a vida. Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias antes já não sabiam da vida senão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de bem-feitos, a parentagem devorava tudo e ainda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam um naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade, ninguém sabia de fato o que era o peru em nossa casa, peru resto de festa.

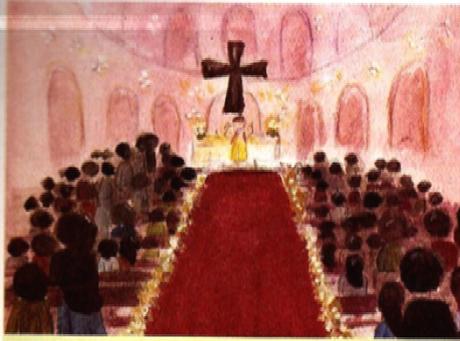
Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós cinco, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de juntar ameixa preta, nozes e um cálice de Xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. [...]

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo danado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas todos se faziam imaginar que eu sozinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entreolhando, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

— É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos





dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco só pra que os outros quatro comessem demais. E

o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que cotidianamente abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, se estava realizando o milagre digno de Natal de um Deus. O peito de peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

— Eu que sirvo!

“É louco, mesmo!” pois por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiei uma distribuição heróica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo dum pedaço admirável da “casca”, cheio de gordura, e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada da mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:

— Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! Que aquele era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

— Mamãe, este é o da senhora! Não! não passe não!

Foi quando ela não pôde mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrimas sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornava impossível. É que o prato evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado.

Bom, principiou-se a comer em silêncio, lutuoso, e o peru estava perfeito. A carne mansa, de um tecido muito tênue, boiava fagueira entre os sabores das farofas e do presunto, de vez em quando ferida, inquietada e redesejada, pela intervenção mais violenta da ameixa preta e o estorvo petulante dos pedacinhos de noz. Mas papai sentado ali, gigantesco, incompleto, uma censura, uma chaga, uma incapacidade. E o peru, estava tão gostoso, mamãe, por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho nascido.

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visquentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

— Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

— É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá do céu há-de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo e virou uma estrelinha brilhante no céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que “você, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seus pais”, um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.



Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever “felicidade gustativa”, mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentes distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele o primeiro peru comido no receso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal. Mas logo pensei: ah, que faça! Mesmo que ela morra, mas pelo menos que uma vez na vida coma peru de verdade!

A tamanha falta de egoísmo me transportara nosso infinito amor... Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de “bem-casados”. Mas nem mesmo este nome perigoso se associou à lembrança de meu pai, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação.

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, bejei a mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres bejei sem piscar. E agora, Rose!...

(In: Herberto Sales, org. *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro. p. 69-76.)

fagueira: suave, agradável, doce.

gabar: elogiar perante todo o mundo, vangloriar-se, tentando impressionar.

incandescente: em brasa.

obstruente: bloqueadora.

reles: comum, sem importância, insignificante.

sublime: grandioso, majestoso, extraordinário.

1. Como a crônica, o conto é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por ser condensado, isto é, por apresentar poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos.

[...] em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto.

(Mário de Andrade)

- a) Quais são as personagens envolvidas nessa história?

Juca, que é o narrador-personagem, e sua mãe, a tia, o irmão e a irmã.

Professor: O pai do narrador, embora seja uma figura marcante e decisiva no desenrolar das ações, participa indiretamente, por meio de fatos rememorados pela família.

II O TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

CAPÍTULO

1

O texto de divulgação científica

O GÊNERO EM FOCO

Leia este texto:

Efeito estufa

O que é o efeito estufa

Efeito estufa é o nome dado à retenção de calor na Terra causada pela concentração de gases de diversos tipos. A intensificação desse fenômeno ocorre com a emissão de alguns poluentes e é responsável pelo aumento da temperatura média do planeta, o que pode causar sérios problemas ambientais.

Os gases estufa (que impedem a dispersão dos raios solares) de maior concentração na Terra são o dióxido de carbono (CO_2), o metano (CH_4), o óxido nitroso (N_2O) e compostos de clorofluorcarbono (CFC). A maioria deles é proveniente da queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e derivados), florestas e pastagens.

O mecanismo de retenção de calor na Terra é semelhante ao de uma estufa de plantas com teto de vidro, permitindo que a energia luminosa penetre na atmosfera e impedindo que a radiação proveniente da superfície aquecida do planeta se dissipe.

A maioria dos gases causadores do efeito estufa também é gerada naturalmente na atmosfera terrestre e sem eles não haveria vida no planeta. O metano, por exemplo, é produzido na decomposição de matéria animal e vegetal.

O ritmo acelerado de industrialização e poluição, porém, aumentou a quantidade desses gases e afetou o equilíbrio ecológico. O simples crescimento demográfico, junto com o aumento do número de animais criados para alimentação e a decomposição dos dejetos orgânicos produzidos, é outra causa do problema.

O desmatamento de florestas também é um fator agravante, uma vez que as árvores absorvem dióxido de carbono.

É difícil prever a escala e os efeitos do aquecimento global provocado pelo efeito estufa, e há debates e estudos científicos ainda em andamento.



Segundo estimativas do Painel Internacional sobre Mudanças Climáticas, a temperatura média global subiu 0,6 °C no século 20 e pode elevar-se em mais 1 °C até 2030. Até 2090, a projeção indica aumento de até 4 °C, caso medidas de prevenção não sejam tomadas.

Uma das consequências mais graves do efeito estufa é o derretimento das camadas de gelo polares, que já vem sendo detectado. Caso esse problema se agrave, o nível do oceano pode subir cerca de um metro, inundando regiões densamente povoadas próximas aos deltas dos rios e fazendo desaparecer as ilhas e terrenos costeiros de baixa altitude.

Outro problema seria o superaquecimento da região equatorial e a alteração das zonas climáticas em seus limites de latitude, o que provocaria desertificação e afetaria áreas produtoras de alimentos.

Já há indícios de que algumas das alterações climáticas previstas por cientistas, como grandes inundações e secas, estejam começando a ocorrer. Pesquisas recentes sugerem que as temperaturas médias não se alteram necessariamente de forma gradual e contínua, podendo ocorrer "saltos" repentinos após períodos de estabilidade.

Vários tipos de solução vêm sendo propostos por cientistas e organizações ambientais.

Alguns são favoráveis à limitação do crescimento da indústria, do consumo e da população. Outros defendem medidas técnicas de combate às causas do efeito estufa ou de combate aos efeitos do aquecimento global, como, por exemplo, dispositivos para impedir que os gases poluentes emitidos industrialmente entrem na atmosfera: plantio maciço de árvores; sistemas de escoamento de águas etc. A principal iniciativa internacional para tentar minimizar o problema é o Protocolo de Kyoto, um tratado assinado em 1997 que estabelece metas de redução na emissão dos gases estufa.

(Folha on line. Site: www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/2001-efeito_estufa-o_efeitoestufa.shtml)

1. O texto desenvolve um tema bastante debatido nos meios científicos e políticos na última década. Qual é esse tema?

[O aquecimento global ou o efeito estufa e suas consequências para o meio ambiente.](#)

2. Textos como o que você leu são chamados de **textos de divulgação científica**. Indique, entre os itens que seguem, aquele que traduz melhor a finalidade desse gênero textual.

- a) Ensinar como se faz um relatório científico.
- b) Convencer o interlocutor do ponto de vista defendido pelo autor.
- c) Relatar experiências pessoais.
- d) Expor um conteúdo de natureza científica.

O Protocolo de Kyoto: a esperança diplomática

O Protocolo de Kyoto é um acordo internacional para reduzir as emissões de gases estufa nos países industrializados e garantir um modelo de desenvolvimento limpo nos países em desenvolvimento. O documento prevê que, entre 2008 e 2012, os países desenvolvidos reduzam suas emissões em 5,2% com relação aos níveis medidos em 1990.

O tratado foi estabelecido em 1997, na cidade de Kyoto, no Japão, e assinado por 84 países. Mas só passou a vigorar efetivamente em 16/2/2005, pois, para isso, era necessário que pelo menos em 55 países ele fosse transformado em lei.

Apesar desse sucesso diplomático, os EUA — principal poluidor do planeta, responsável por cerca de 25% dos gases expelidos — romperam o acordo em março de 2001.

George Bush,
responsável pela
não-adesão dos
EUA ao
Protocolo de
Kyoto.



III O RESUMO

CAPÍTULO

2

O resumo e o relatório



O GÊNERO EM FOCO

Na esfera escolar, é comum professores de diferentes disciplinas solicitarem a seus alunos a produção de **resumos** e de **relatórios**. Por meio desses textos, os professores conseguem avaliar o grau de compreensão de seus alunos em relação a determinados textos ou em relação a determinadas experiências.

■ O resumo

O texto que segue foi publicado como resposta do governo brasileiro aos rumores de que a Inglaterra apresentaria ao mundo uma proposta de privatização da Amazônia. O texto foi assinado por três ministros: Celso Amorim, então ministro das Relações Exteriores; Sérgio Machado Rezende, então ministro da Ciência e da Tecnologia; e Marina Silva, então ministra do Meio Ambiente. Leia-o.

A Amazônia não está à venda

Com frequência vemos circular notícias sobre interesses de pessoas, entidades ou mesmo governos estrangeiros com relação à região amazônica. Recentemente, surgiram no exterior iniciativas com o objetivo de adquirir terras na Amazônia para fins de conservação ambiental ligadas à preocupação com o fenômeno da mudança do clima e ao possível papel do desmatamento nesse processo.

São propostas que desconhecem a realidade da floresta amazônica. Ignoram também importantes dados científicos.

A mudança do clima é um problema real ao qual o Brasil atribui grande importância. Há consenso mundial de que o fenômeno está sendo acelerado pela ação humana. É um processo cumulativo, resultado da concentração progressiva de gases de efeito estufa na atmosfera nos últimos 150 anos. Assim, focar a atenção especialmente nas atuais emissões é errado e injusto. Alguns dos atuais emissores — sobretudo os países emergentes — têm pouca ou nenhuma responsabilidade pelo aquecimento global, cujos efeitos começamos a sentir.



A causa principal da mudança do clima é conhecida: pelo menos 80% do problema tem origem na queima de combustíveis fósseis — especialmente carvão e petróleo — a partir de meados do século 19. Apenas pequena parcela resulta das mudanças no uso da terra, incluindo o desmatamento. O desmatamento atual em escala global é preocupante por várias razões, mas o foco do combate à mudança do clima deve ser a alteração da matriz energética e o uso mais intensivo de energias limpas. A Convenção do Clima e seu Protocolo de Kyoto são claros: aqueles que causaram o problema (os países industrializados) cabem metas mandatórias de reduções e a obrigação de agir primeiro.

Embora não tenha metas mandatórias de redução por pouco ter contribuído para o problema, o Brasil está fazendo sua parte. Possuímos uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Nossos programas de biocombustível são exemplo para outros países. Contribuímos, dessa forma, para o desenvolvimento sustentável da sociedade brasileira e para a redução global das emissões de gases de efeito estufa. [...]

(Folha de S. Paulo, 17/10/2006.)

Professor: O estudo de texto a seguir tem a finalidade de preparar o aluno para observar melhor a relação entre o texto original e o resumo feito a partir dele.

1. O artigo foi publicado em um jornal paulista, na seção intitulada “Tendências e Debates”.

a) Qual é o gênero textual do texto lido? Marque a resposta correta:

- | | |
|---|-------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> • Artigo de opinião | • Crônica argumentativa |
| • Carta de leitor | • Debate deliberativo |
| • Entrevista | |



b) Quem é o locutor do texto? Quem é o destinatário?

O locutor são os três ministros, e o destinatário são os leitores do jornal em que o texto foi publicado.

2. Por que algumas pessoas e governos no exterior manifestaram interesse em privatizar a Amazônia?

Porque assim poderiam impedir o desmatamento, o que contribuiria para evitar o aquecimento global.

3. Os ministros brasileiros, autores do texto, não são contrários à preservação do meio ambiente; no entanto, discordam da proposta dos estrangeiros. Segundo eles:

a) Quais são os países responsáveis pelo aquecimento global?

São aqueles que desde o século 19 vêm queimando combustíveis fósseis, ou seja, os países desenvolvidos.

b) Qual a participação do desmatamento no processo de mudança climática do planeta?

Pequena, segundo eles.

4. De acordo com os ministros, o Brasil vem colaborando para a preservação do clima do planeta? Se sim, de que modo?

Sim; com o uso de energia mais limpa.